



A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-017-9
DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA	
<i>Luma de Oliveira</i>	
<i>João Luiz Leitão Paravidini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819121	
CAPÍTULO 2	12
PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO	
<i>Suzel Alves Goulart</i>	
<i>Cibele Alves Chapadeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819122	
CAPÍTULO 3	25
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL	
<i>Pedro Cardoso Alves</i>	
<i>Ana Lúcia Galinkin</i>	
<i>José Carlos Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819123	
CAPÍTULO 4	44
A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS	
<i>Carolina Leão Giollo</i>	
<i>Ricardo de Queiroz Machado</i>	
<i>Edilei Rodrigues de Lames</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819124	
CAPÍTULO 5	61
ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA	
<i>Magner Miranda de Souza</i>	
<i>Cláudio Educado Resende Alves</i>	
<i>Maria Ignez Costa Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819125	
CAPÍTULO 6	76
REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE	
<i>Rui Maia Diamantino</i>	
<i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>	
<i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819126	
CAPÍTULO 7	97
PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE	
<i>Giulia Ribeiro Limongi</i>	
<i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819127	

CAPÍTULO 8 100

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

Sandra Regina Rocha de Lima
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

DOI 10.22533/at.ed.1791819128

CAPÍTULO 9 124

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Daniel Rangel Curvo
Francinaldo Do Monte Pinto

DOI 10.22533/at.ed.1791819129

CAPÍTULO 10 139

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

Luciana Vieira Caliman
Janaína Mariano César
Victoria Bragatto Rangel Pianca
Alana Araújo Corrêa Simões
Anita Nogueira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.17918191210

CAPÍTULO 11 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

Priscila Moura
Maria Lucia Pereira
Flávia Sallum
Alessandra Viana

DOI 10.22533/at.ed.17918191211

CAPÍTULO 12 159

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos
Gabriel William Lopes
Amailson Sandro de Barros

DOI 10.22533/at.ed.17918191212

CAPÍTULO 13 170

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago
Eduardo Augusto Tomanik

DOI 10.22533/at.ed.17918191213

CAPÍTULO 14 181

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

Maicon Alves Garcia
Aldenor Batista da Silva Junior
Sonia da Cunha Urt

DOI 10.22533/at.ed.17918191214

CAPÍTULO 15..... 196

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

Ricardo André Cecchin

Rosemarie Gartner Tschiedel

DOI 10.22533/at.ed.17918191215

CAPÍTULO 16..... 212

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Iaponira Oliveira dos Santos

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.17918191216

CAPÍTULO 17 224

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira

Marianne Cunha

Saulo Almeida

Vanessa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.17918191217

SOBRE O ORGANIZADOR 232

CAPÍTULO 12

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso - Curso de Psicologia

Cuiabá – Mato Grosso

Gabriel William Lopes

Universidade Federal de Mato Grosso - Curso de Psicologia

Cuiabá – Mato Grosso

Amailson Sandro de Barros

Universidade Federal de Mato Grosso - Curso de Psicologia

Cuiabá – Mato Grosso

RESUMO: O presente artigo é resultado das intervenções realizadas no Estágio Básico em Contextos Sociais e Comunitários, componente curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso. O estágio foi desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado em um bairro do município de Cuiabá. O referencial teórico adotado partiu das concepções de sujeito e comunidade explanadas pela Psicologia Social Comunitária de base latino-americana. A metodologia utilizada baseou-se nas oficinas psicossociais que se constituem em ações interventivas que atuam na interação dos níveis psicológico e social dos sujeitos. Foram realizadas duas oficinas, com crianças e adolescentes de 04 à 15 anos de idade

com foco na prevenção ao abuso sexual infantil. A referida demanda foi levantada nas observações junto aos usuários e funcionários do equipamento. Cada oficina teve duração de duas horas, atendendo um número de cerca de 50 crianças e adolescentes. Os resultados indicaram a necessidade de fortalecer as redes de atenção e proteção na garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Verificou-se também a importância e o potencial das oficinas como estratégia de educação psicossocial com crianças e adolescentes no enfrentamento da questão.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Oficinas psicossociais; abuso sexual infantil.

ABSTRACT: This article is a result of interventions on Basic Internship in Social and Community Psychology, curricular component of Psychology Course at Federal University of Mato Grosso. The internship was developed at Reference Center for Social Assistance, located in Cuiabá's neighborhood. The Theoretical Reference was the conception of subject and community explained by Social Community Psychology of Latin American base. The methodology used was based on psychosocial workshops in which constitute of intervention actions that work in social and psychological levels. Two workshops were held with children aged 4-15, focusing on prevention of child

sexual abuse. The said claim was obtained on the observations of users and employees of the institution. Each workshop lasted two hours, attending about 50 children and teenagers. The results indicated the need of strengthen, proteccion and attention ties in the guarantee of children and teenagers rights. It was verified the relevance and potential of workshops as a strategy to psychosexual education with children and teenagers in addressing this issue.

KEYWORDS: Psychology; Psychosocial workshops; Child sexual abuse.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é relatar a experiência na prevenção ao abuso sexual infanto-juvenil a partir do referencial teórico da Psicologia Social Comunitária de base latino-americana, tendo como método de intervenção psicossocial e prática educativa a realização de oficinas em dinâmica de grupo (Afonso, 2001). As oficinas são resultados das intervenções do Estágio Básico em Contextos Sociais e Comunitários, componente curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso, e foram realizadas e vivenciadas em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado no Município de Cuiabá-MT, junto ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e envolveu meninas e meninos, com idade entre 04 e 15 anos.

Buscamos, com as oficinas, possibilitar um espaço de educação reflexiva e crítica sobre o tema abuso sexual, visando contribuir para a problematização do fenômeno e para o processo de conscientização dos participantes (FREITAS, 2010).

Acreditamos que a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil deve ocupar lugar de destaque nas atividades dos SCFV. Dado que, 80% das vítimas deste tipo de violência passaram por situações de abuso sexual em suas próprias famílias (GUERRA, 1998, HABIGZANG et al, 2005). O que indica o quanto estão vulneráveis a este tipo de violência.

Neste sentido, a realização de práticas preventivas é um dos instrumentos que pode contribuir para a redução dos casos e funcionar como estratégia educativa das crianças e adolescentes para a garantia de sua segurança e proteção. Trata-se de considerar as crianças e adolescentes como sujeitos ativos e de direito, com capacidade de agir sobre o mundo e transformá-lo, na medida em que se transformam (LANE, 2004; MARTÍN-BARÓ, 1988). A partir dessa perspectiva, apostamos na politização da vida cotidiana (FREITAS, 2014) de crianças e adolescentes, com vista a fortalecer o protagonismo infanto-juvenil na denúncia de condições de opressão e situações indignas de vida.

O acesso à informação e ao conhecimento sobre a dinâmica do abuso sexual pode permitir com que situações sejam evitadas, compreendidas e denunciadas pelas vítimas, rompendo assim com o silêncio imposto pelo adulto que, frequentemente, as

obrigam a não revelar o que está acontecendo. Ademais, tem como objetivo contribuir para a construção de um repertório nas crianças e adolescentes que ainda não sabem nomear vivências de assédio e abuso sexual.

A prevenção do abuso sexual é entendida aqui como compromisso ético-político e responsabilidade que deve ser compartilhada entre os profissionais de diversos âmbitos (Saúde, Assistência Social, Educação, Judiciário, etc), a comunidade, o poder público e as famílias. A importância de trabalhar a prevenção está na possibilidade das crianças e adolescentes manifestarem seus conhecimentos sobre o abuso sexual, como o interpretam e dão sentidos a ele. Para isso, o método da problematização (MONTERO, 2016, FREITAS, 2014) foi usado para a realização das atividades com as crianças e adolescentes. Ressaltamos que a problematização é essencial a qualquer trabalho orientado pela Psicologia Social Comunitária.

Realizar uma ação preventiva utilizando-se desse método está para além do repasse de informações objetivas sobre o abuso sexual. Ao problematizarmos com as crianças e adolescentes aquilo que elas sabem e/ou que já ouviram falar sobre o tema, contribui para a compreensão dos sentidos e da realidade concreta na qual estão inseridas. De acordo com Montero (2012), a problematização pode facilitar o que fazer para superar coletivamente a situação problema, no caso específico, o abuso sexual.

A problematização conduz ao diálogo reflexivo, favorecendo o contato com os diferentes saberes dos participantes a respeito do tema abuso sexual. Em sua potencialidade rompe com a cultura do silêncio, estabelecendo, nas palavras de Paulo Freire (2006), uma “comunicação verdadeira” que abre perspectivas de novas significações e produção de sentidos sobre o abuso e outras violências.

Logo, é fundamental que essa comunicação faça sentido para os sujeitos e evoque reflexões acerca da própria realidade na qual encontram-se imersos. Vale ressaltar que este é um processo que deve ter como premissa a criticidade à conjuntura social e política, colocando em xeque ideias hegemônicas e consentidas através de dispositivos de alienação social.

2 | PROPOSTA METODOLÓGICA

A elaboração do projeto “Oficinas Psicossociais de Prevenção ao Abuso Sexual Infante-Juvenil” foi sistematizada tendo como pressupostos a execução de dois passos. Estes, por seu turno, compreendem uma peça importante no processo de inserção contextual e intervenção com a comunidade, articulando-se na medida em que a realização do estágio exige o cuidado e rigor metodológico.

1º Passo – Familiarização com o contexto real das crianças e dos adolescentes da comunidade

Momento necessário e imprescindível para a realização do plano de trabalho,

pois nos permitiu conhecer e tornar-nos conhecidos da comunidade (MONTERO, 2016) e dos grupos de crianças e adolescentes. Neste primeiro passo, verificamos as possibilidades e os recursos disponíveis na comunidade e no CRAS para realizar uma proposta de intervenção, pensada a partir das necessidades concretas do público infanto-juvenil.

2º Passo – Sistematização das necessidades das crianças e dos adolescentes

Realizar a sistematização das necessidades levantadas nos grupos de crianças e adolescentes atendidos pelo CRAS nos permitiu verificar que entre as diversas situações limites (FREIRE, 2013) que deveriam ser trabalhadas com o público infanto-juvenil, a questão do abuso sexual era prioridade naquele momento. Considerando essa necessidade, iniciamos um trabalho de prevenção via metodologia de oficinas psicossociais (AFONSO, 2001).

As oficinas foram elaboradas considerando a faixa etária dos participantes e teve o cuidado de utilizar-se de materiais acessíveis e de criar um espaço de diálogo que não fosse caracterizado como palestra à base de uma educação bancária e o pragmatismo do repasse de saberes.

A estrutura das oficinas foi organizada, respeitando as orientações propostas por AFONSO (2001):

1º Momento

a) Acolhimento: momento inicial da oficina, em que realizamos a acolhida dos participantes e buscamos, a partir de alguma atividade lúdica ou aquecimento corporal, favorecer a socialização e o fortalecimento de vínculos.

2º Momento

a) Realização da atividade principal proposta para o encontro, seguida de diálogo reflexivo.

b) Sistematização e reflexões sobre as atividades.

3 | AS OFICINAS PSICOSSOCIAIS

As oficinas foram elaboradas de acordo com a faixa etária de cada público, e com o auxílio de diversos recursos didáticos, tais como: música, poema, documentários, ilustrações e um livro infantil.

Com o público infantil, optamos por utilizar a Contação de histórias, pois “ao ouvir uma história a criança ativa a imaginação para criar cenário por meio de experiência interior; sendo assim a criança traz para o seu cotidiano fatos narrados da história que lhe foi contada” (RAULINO, 2011, p.39). Desta forma, a contação de histórias possibilita o exercício da escuta, mas também suscita a narrativa de vivências ao

“permitir à criança experiências que podem ser sentidas e identificadas durante a narração de histórias” (CAMPOS, 2012, p.36). O uso da contação de histórias como recurso metodológico para um trabalho de prevenção ao abuso sexual infantil pode contribuir para que as crianças se conectem às suas histórias e possam expressar os significados e os sentidos que atribuem às suas próprias experiências.

No que se refere aos adolescentes, utilizamos dois documentários como instrumento principal de abordagem do tema. Considerando que a utilização dos vídeos possibilitam a socialização do tema, discussão de mitos e concepções acerca do abuso sexual, tanto com meninas quanto com meninos. (VON HOHENDORFF, 2012; PADILHA e GOMIDE, 2004). Além disso, o recurso de audiovisual também pode “eliciar emoções, não só porque os filmes exibidos mostraram situações semelhantes às das vidas das participantes, mas também porque se tratava de uma estimulação em diferentes níveis sensoriais, com destaque para as imagens” (PADILHA e GOMIDE, 2004, p.58).

Oficina I	Conversando com crianças sobre Abuso Sexual Infanto-Juvenil: Rompendo o silêncio	Público participante: Crianças com idade de 04 a 08 anos
Atividades		
Objetivos		Materiais
<ul style="list-style-type: none"> * Proporcionar um espaço lúdico e dialógico que possibilite a problematização e a reflexão com as crianças sobre o tema abuso sexual. * Abordar e contextualizar a dinâmica do abuso sexual. * Sensibilizar as crianças sobre a diferença de toques abusivos e não abusivos. * Possibilitar a troca de conhecimentos, informações e experiências entre os participantes da oficina. * Verificar as possíveis estratégias de proteção contra situações de abuso sexual e outras violências conhecidas pelas crianças. <p><u>1º Momento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Acolhimento dos participantes -Aquecimento: Atividade de apresentação dos participantes da oficina. <p><u>2º Momento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Montagem do corpo humano a partir dos desenhos das crianças. -Contação de história tendo como suporte o livro “Pipo e Fifi”. - Sistematização das atividades (Reflexão coletiva dos pontos elencados pelos participantes durante a realização da oficina). 		Livro Pipo e Fifi, da autora Caroline Arcari Folhas sulfites Caixas de giz de cera Cola

Quadro 01 - Apresentação sistemática da oficina “Conversando com crianças sobre Abuso Sexual Infanto-Juvenil: Rompendo o silêncio”

Oficina II	Conversando com adolescentes sobre Abuso Sexual Infanto-juvenil: Rompendo o silêncio e os mitos	Público Participante: Meninas e Meninos com idade de 09 a 15 anos
Atividades		
Objetivos da Oficina		Materiais utilizados
<p>* Abordar e contextualizar a dinâmica do abuso sexual.</p> <p>* Possibilitar a troca de conhecimentos, informações e experiências entre os participantes da oficina.</p> <p>* Desmistificar questões relacionadas ao abuso sexual.</p> <p>* Verificar as possíveis estratégias de proteção contra situações de abuso sexual e outras formas de violência e que são do conhecimento das meninas e dos meninos participantes da oficina.</p> <p><u>1º Momento</u></p> <p>-Acolhimento dos participantes</p> <p>-Aquecimento: Atividade lúdica de apresentação dos participantes.</p> <p><u>2º Momento</u></p> <p>- Sistematização das atividades (Reflexão coletiva dos pontos elencados pelos participantes durante a realização da oficina).</p>		<p>Documentário: Canto de Cicatrizes.</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dbz2hXJLnjk</p> <p>Documentário: Superar</p> <p>Disponível em: https://vimeo.com/22827535</p> <p>Poema: Canção para a menina maltratada, de Celso Gutfreind.</p>

Quadro 02 - Apresentação sistemática da oficina “Conversando com adolescentes sobre Abuso Sexual Infanto-juvenil: Rompendo o silêncio e os mitos”

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Oficina I - Conversando com crianças sobre Abuso Sexual Infanto-Juvenil: Rompendo o silêncio.

No que concerne à Contação de Histórias, a análise foi feita através dos cinco pontos propostos no final do livro de Caroline Arcari: 1) Que a criança pudesse entender que ela tem controle e é dona do seu próprio corpo; 2) Compreender que tem o direito de recusar toques e carinhos, por mais inocentes que estes sejam; 3) Saber nomear todas as partes do corpo, incluindo as partes íntimas, seja pelo nome científico ou pelos apelidos familiares; 4) Diferenciar toque do SIM do toque do NÃO, levando em conta as circunstâncias de necessidade de cuidados de saúde e de higiene; e 5) Identificar pessoas de confiança de sua convivência ou fora dela, caso precise

denunciar situações de abuso sexual.

No decorrer da contação de história tais pontos foram ressaltados em diversos momentos. As crianças, por sua vez, participaram ativamente desse processo ao elencar suas próprias vivências pessoais, sentimentos e experiências com colegas. A seguir estão alguns fragmentos retirados de suas falas no decorrer da oficina: *“Minha mãe disse que a gente não pode ficar sem blusa fora de casa”*; *“Ah, quando eu vou sentar no colo do meu pai, tia, eu tenho que pedir pra ele, e ele também pede pra mim quando vai sentar no meu colo”*; *“O que eu mais gosto é de abraços”*; *“O Matheus (nome fictício) fica descendo a calça e mostrando o bumbum lá na quadra, tia”*.

Notamos a importância desse tipo de discussão visto que para algumas crianças, sobretudo as mais novas, entre quatro e cinco anos, vários elementos da história eram novidades a ser incorporadas em seu repertório pessoal. Um exemplo é que tanto meninas como meninos aprenderam que termos como vulva, mamilos ou pênis também são utilizados para descrever partes íntimas do corpo humano. Já as crianças com idade entre sete e oito anos apresentavam certo grau de entendimento sobre alguns aspectos e, inclusive, até auxiliavam as demais crianças quando solicitadas a nomear as partes íntimas, sendo esta uma das proposições da história.

Nesse sentido, acreditamos na importância das crianças e adolescentes saberem nomear e conhecer todas as partes do corpo humano para que as estas possam entender quando algum toque fora do comum está acontecendo, visto que na maioria dos casos a denúncia não ocorre porque a criança não consegue nomear a situação desagradável e abusiva que está passando. Além, é claro, das possíveis ameaças que costumam ocorrer nessas situações, configurando-se como outra dificuldade no que tange à efetivação da denúncia.

Ademais, a contação de histórias é uma ferramenta lúdica que insere a criança e sua percepção da história do início ao fim, diferentemente da leitura, na qual um sujeito lê e o outro escuta. Dessa forma, construímos, junto com as crianças, a importância de dar limites aos toques no seu corpo, podendo dizer sim ou não em todas as circunstâncias e principalmente a compreensão da autoproteção e caminhos para a denúncia por meio de um adulto de confiança.

Entretanto, sabemos que uma oficina não é o suficiente, mas sim que é preciso uma continuidade nessas discussões para que haja a ampliação da tomada de consciência, utilizando-se dos termos, técnicas e estratégias adequadas e compreensíveis para cada faixa etária. É preciso que se quebre os medos e tabus de trabalhar o tema com as crianças e adolescentes, pois são métodos como esses que poderão contribuir para a prevenção do abuso sexual e romper com o silêncio de situações abusivas. É preciso compreender que a educação e o apoio de uma rede de atendimento é necessário ao combate à violência sexual contra crianças e adolescentes.

4.2 Oficina II - Conversando com adolescentes sobre Abuso Sexual Infanto-juvenil: Rompendo o silêncio e os mitos.

Um primeiro aspecto a ser mencionado com relação a segunda oficina diz respeito ao caráter não-obrigatório da participação das crianças e adolescentes nas atividades. Antes de iniciar a oficina, estabelecemos um acordo com as meninas e os meninos de que a participação delas e deles nas atividades estaria atrelada a decisão própria de cada um em participar ou não daquele momento. A adoção dessa postura é fundamental para o desenvolvimento das atividades, tendo em vista que desvincula qualquer tipo de autoritarismo na condução do processo, atribuindo reconhecimento ao discurso infanto-juvenil e reconhecendo a posição ativa dos sujeitos nas escolhas que atravessam suas vidas.

Ressaltamos ainda que nesta oficina, foram realizados dois grupos: um com meninas e outro com meninos. Sabemos da importância da discussão sobre o Abuso sexual com os dois públicos, conjuntamente, contudo optamos por trabalhar separadamente com os dois grupos, pois compreendemos pela observação do processo grupal, que neste primeiro momento as meninas não se sentiriam confortáveis para discutirem sobre o tema com os meninos e vice-versa.

Após os exercícios de relaxamento verificamos uma diminuição da ansiedade dos participantes do grupo. De um modo geral, durante toda a intervenção houve uma boa participação de todas as crianças e adolescentes e isso foi muito importante, pois uma das premissas da oficina psicossocial é colocar os sujeitos como ativos no processo de problematização dos sentidos e significados atribuídos ao abuso sexual infantil, operando uma construção coletiva e mútua desses sentidos e significados.

No decorrer da oficina, foi entregue um pedaço de papel e proposto que cada adolescente, de forma anônima, escrevesse alguma informação sobre a temática do abuso sexual infantil – seja uma dúvida, afirmação ou relato de algum caso. E foi acordado que essas questões, após a exposição do documentário, seriam respondidas coletivamente.

Ao longo da exposição do documentário observamos que algumas meninas esboçaram várias reações emotivas no plano corporal e, especificamente, na expressão facial, como espanto, indignação e profunda comoção. No final do documentário, ao serem questionadas sobre as suas impressões, diversas meninas expressaram sentimentos de angústia e revolta. A título de exemplificação separamos alguns trechos dessas falas: “*tenso*”, “*a vítima não tem culpa*”, “*porque as pessoas culpam a menina que sofre, né?*”.

Nessa mistura de sentimentos, iniciamos as discussões e pouco a pouco os papéis, entregues anteriormente, eram abertos e lançava-se ao grupo a pergunta ou afirmação escrita. Estão listadas a seguir algumas perguntas e trechos de falas: “*O que é o abuso sexual?*”, “*O que é exploração sexual?*”, “*O que é relação sexual? Me explica*

direito.”, “*Não sei do que se trata o assunto*”, “*Existe justiça para o abuso?*”, “*Se uma pessoa for abusada, ela pode procurar a polícia, um psicólogo ou o conselho tutelar?*”, “*Como se defender do abuso sexual?*”. Vale salientar que todas essas inquietações foram problematizadas e respondidas coletivamente pelas meninas e os estagiários, valorizando uma postura dialógica que admite a existência e complementaridade entre os saberes comunitário e científico.

O diálogo estabelecido entre as participantes foi potencializado pelos conteúdos expressos nos pedaços de papéis: “*O abuso sexual é um crime que quase toda humanidade já sofreu*”; “*Na minha opinião, as pessoas que abusam de crianças e adolescentes deveriam ser punidas porque ficam marcas nas pessoas que foram violentadas sexualmente pra sempre*”; “*Quando que o abuso vai acabar? Quando que as mulheres vão ser respeitadas? Quando uma criança vai curtir a infância dela?*”.

Foi possível a partir dessa atividade acessar narrativas que ilustravam conhecimentos das participantes sobre histórias de abuso sexual que ocorreram na rua da sua casa, com a amiga próxima, com a vizinha, com outras pessoas da comunidade e mesmo via notícias divulgadas na mídia local.

Um aspecto relevante observado entre os meninos foi que a maioria demonstrou dificuldade em reconhecer o que seria abuso sexual infantil.

Durante a abertura dos papéis escritos por eles foram frequentes as seguintes frases: “*Não sei o que é*”, “*O que é isso?*” ou até “*Nunca ouvi falar*”. Nesse sentido, após a exposição do documentário “*Superar*”, realizamos uma discussão sobre o termo abuso sexual e coletivamente foram ilustradas algumas formas dessa violência.

O diálogo com os meninos possibilitou o contato com narrativas que possibilitaram um processo de problematização sobre o abuso sexual a partir de diferentes lugares, para além do contexto familiar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações tiveram como objetivo possibilitar a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil para que as crianças e adolescentes participantes das oficinas pudessem compreender e nomear os limites entre o carinho e as situações que se configuram como abuso sexual. Além disso, auxiliar no processo de aprendizagem para identificação de situações de risco de violência sexual, como evitá-la e como denunciá-la para uma pessoa de confiança e para a rede de atendimento e proteção.

A inserção no equipamento CRAS, embasada pela Psicologia Social Comunitária, proporcionou um olhar para o campo de atuação dos profissionais de psicologia no âmbito da construção, implementação, e efetivação de práticas de prevenção ao abuso sexual infanto-juvenil, de forma a garantir uma proposta psicossocial.

Notamos que muitos adolescentes desconheciam as redes de atendimento e proteção para casos de violência sexual, e tivemos a percepção de que a maior

parte, principalmente dos meninos, não compreendiam a questão do abuso sexual, passando a entendê-la ao entrar em contato com narrativas sobre o tema.

Ouvir as narrativas dessas crianças e adolescentes e incentivar a autoria de conhecimentos libertadores foi uma atitude buscada continuamente durante a realização das atividades propostas nas oficinas psicossociais de prevenção ao abuso sexual. Embora tenha sido uma breve experiência de trabalho de prevenção com as crianças e os adolescentes, dadas as condições concretas para a realização do Estágio Básico em Contextos Sociais e Comunitários, consideramos que a criação de espaços para a problematização do abuso sexual dentre as atividades desenvolvidas no âmbito dos CRAS é uma necessidade que precisa ser fortalecida pela Psicologia.

Nesse sentido a Psicologia Social Comunitária pode contribuir para ações preventivas que estimulem a autonomia de crianças e adolescentes e que propiciem participação ativa, interações horizontais e a produção de relações solidárias e respeitadas, bem como a construção de histórias e mundos melhores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. **Violência e abuso sexual na família**. Psicologia em estudo, p. 3-11, 2002.

AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2001.

AZAMBUJA, M. R. F. (2009). A inquirição da vítima de violência sexual intrafamiliar à luz do melhor interesse da criança. Conselho Federal de Psicologia. **Falando sério sobre a escuta de crianças e adolescentes envolvidos em situação de violência e a rede de proteção**: propostas do Conselho Federal de Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 27-70.

CAMPOS, Karin Cozer de et al. **Tecendo histórias**: a criança e sua produção narrativa. 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 13a. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 54 ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. F. Q. Psicologia Social Comunitária como politização da vida cotidiana: desafios à prática em comunidade. In: STELLA, C. (org). **Psicologia Comunitária**: contribuições teóricas, encontros e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 65-85.

FREITAS, M. F. Q. Tensões na relação comunidade-profissional: implicações para os processos de conscientização e participação comunitária. In: LACERDA JR, F. ; GUZZO, R.S.L. (orgs). **Psicologia e Sociedade**: Interfaces no debate sobre a questão social. Campinas, SP. Editora Alínea, 2010, p.83-98.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos**: a tragédia revisitada. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

HABIGZANG, Luisa Fernanda, et al. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, pp. 341-348. 2005

LANE, S.T.M. Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (orgs). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 2004, p.10-19.

MONTERO, M. Concientización, consciência y acción humana. In: XIMENES, V.M.; SARRIERA, J.C.; BONFIM, Z.A.C.; AFARO I, JAIME. (orgs). **Psicologia Comunitária no mundo atual: desafios, limites e fazeres**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 215 – 233.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: el método em la psicología comunitaria**. Buenos Aires: Paídos, 2012.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder: Psicología Social desde Centroamérica II**. San Salvador, UCA Editores, 1988.

RAULINO, C. I., **Contaçon de histórias para crianças** – Florianópolis, 2011. 103 f.; 2011.

PADILHA, M. G. S; GOMIDE, P. I. C. **Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual**. Estudos de Psicologia, v. 9, n. 1, p. 53-61, 2004.

VON HOHENDORFF, Jean et al. Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos. **Psico**, v. 43, n. 2, p. 11, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-017-9

